



*O Jardim do
Palácio dos Leões*

Organizadores:

Andressa Castro
Emylle Oliveira
Gabriel Utta
Isabela Gonçalves
Rafael Barbosa
João Gabriel

Orientadora: Bárbara Prado



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO



Arquitetura
e Urbanismo



Roberto Burle Marx

*O Jardim do
Palácio dos Leões*

Novembro, 2017

Apresentação

O reconhecimento do paisagismo como meio de qualidade de vida é o primeiro passo para criação de novos espaços que tragam benefícios físicos e psicológicos, por meio da arquitetura verde. O estudo requer uma mescla da topografia, vegetação já existente ou não, conhecimento aprofundado da ventilação, e outras vertentes para trazer o potencial dessa futura paisagem. A implantação desses espaços adequa uma junção das relações já existentes entre o entorno e o solo que será trabalhado. Esse aspecto paisagístico de montagem oferece um diálogo entre a sensação de liberdade e leveza para o indivíduo que vivencia deste espaço. Justamente por esses motivos, dar a devida importância máxima a este tipo projeto é necessário, ou seja, remontar da melhor maneira possível o espaço do homem. Burle Marx já dizia “O jardim é uma natureza organizada pelo homem e para o homem”, verdadeiro conhecedor dos mais variados tipos de plantas, jardins adaptados para o clima brasileiro e um grande projetista que trabalha em prol da vivência dos homens.



Dentre as suas obras mais importantes, destaca-se o Palácio dos Leões, construído em 1968 e em 1973, passou por diversas mudanças que adulteraram a paisagem original, ficando no desenho atual plantas de pequeno, médio e grande porte organizadas em fileiras ao longo do extenso largo, espelho d'água com visão infinita, e outros atributos que encantam quem observa e visita. Essas mudanças ocorridas ao longo dos anos retrata a forma de cuidado inexistente ou quase escassa que perdurou por muito tempo, grande parte dessa descaracterização aconteceu por necessidade e foi somente permitida por conta do desconhecimento dos moradores da ilha, sendo assim, a valorização se tornava mínima dentro dos pontos turísticos e reforça até os dias de hoje a real necessidade de restaurar e manter este monumento vivo, cuja flora maranhense foi idealizada por meio de Roberto Burle Marx. Este jardim carrega um aspecto memorável que deve ser zelado e mantido para gerações futuras, seu valor significativo é extenso não só para a cidade, como para o mundo e abraça o sentimento de pertencimento daqueles que conhecem e virão a conhecer.

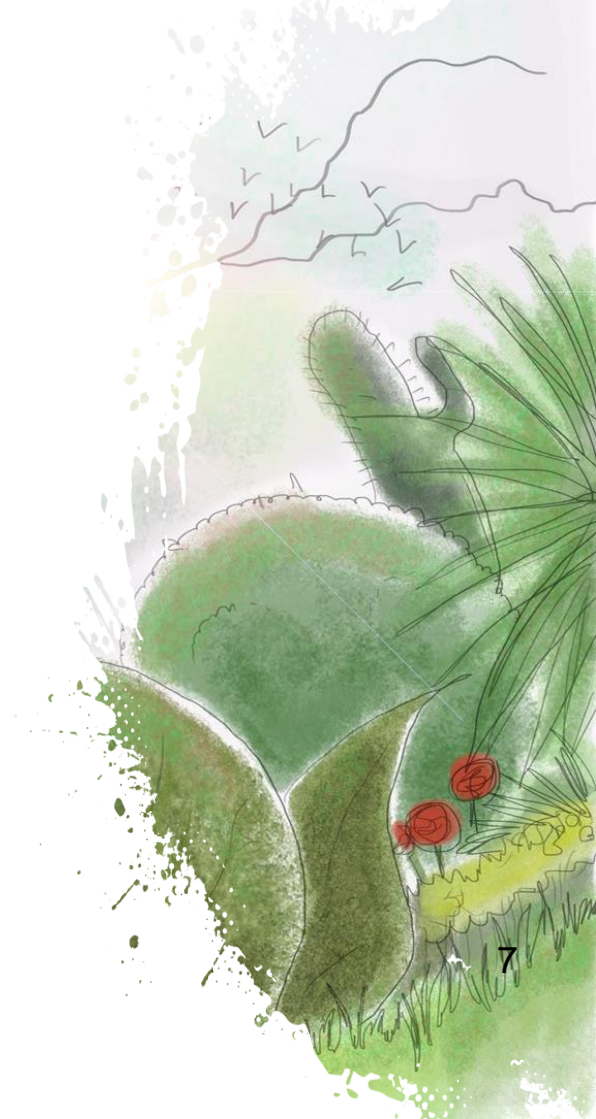


Sumário

Apresentação.....	03
1. Introdução.....	07
2. Burle Marx na arquitetura paisagística palaciana.....	14
3. Jardins do Palácio dos Leões.....	23
4. Flora do projeto de Roberto Burle Marx nos jardins dos leões.....	28
5. Recriação dos jardins de RBM no palácio dos Leões.....	45
6. Proposta de restauro dos jardins de RBM no palácio dos Leões.....	48
7. Conclusão.....	58
8. Referências Bibliográficas.....	63



1. Introdução





A modernidade trouxe de imediato um estranhamento que de uma hora pra outra deixou os conceitos virados de cabeça para baixo. Isso é, sem muito tempo para compreender as rápidas mudanças de pensamento, o homem apartou-se da realidade para tornar-se seu regente, os desejos assentaram-se profundamente em suas realidades tornando o universo particular uma generalidade do “ser”. A partir desse ponto, os mesmos romperam com as tradições e instituíram a ideia da supremacia subjetiva, um conceito que aflorou na modernidade como afirma sabiamente Bauman, quando diz tratar-se de uma nova ordem que desafia o presente, e torna a produção voltada a própria arte de fato.

Sendo assim, era de se esperar que essa subjetividade alcançasse primeiramente as ciências sociais e das artes por demonstrarem uma sensibilidade incomum a da área das exatas. Com isso, a produção passou a importar ao indivíduo da mesma forma que o sujeito se portava na sociedade, assumindo suas características, nesse caso subjetivas, pouco técnicas e sem material de estudo, assim velozmente o meio foi sendo desconstruído e os mecanismos de julgamento não eram mais tão relevantes ao produto final.



É nesse momento, que Duchamp inaugura ao público sua obra notoriamente conhecida como O Mictório. Para ele tudo podia ser arte, pois as coisas não passam de um valor transposto do sujeito ao objeto, é como vemos na velha estória da roupa invisível do rei que estava nu, o sentido não estava na normatização ou na técnica desenvolvida, ou nos anos que foram necessários para se filtrar todos os conceitos em um determinante, as circunstâncias levavam a um entendimento raso sobre a natureza das coisas.

Nesse sentido consolidado na época, que as alterações poderiam vir a ser efetuados, bastava a vontade de alguém. Consoante a nova atitude, intervenções de todos os ramos passaram a ser efetuados e como iremos discutir futuramente nem as obras paisagísticas ficaram de fora, com a máxima de que a vicissitude a qual foram expostas essas obras não possuíam propósitos elevados, nem mesmo estudos aprofundados, como idealizaram pensadores da escola de Frankfurt no passado, agora, remoto.



Pois, como resultado do pensamento insidioso da mente moderna, iludida e obcecada com a modernização, avanços científicos, o materialismo e a industrialização que roubava do artista moderno sua alma, o coração, a consciência de si mesmo, e do homem, que o mor da técnica e das normas foram enterrados. Demorar-se-iam os anos, até que tais princípios fossem revalidados e a sociedade desenterra-se seus demônios.



Consoante, a intervenção de Gil Borsoi no jardim do palácio é fruto dos devaneios de produzir, da atenção e da cobiça das virtudes e da idoneidade dos grandes mestres. Muito da vicissitude do palácio dos leões não possui propósitos elevados, não possui a consciência de alma como idealizaram os pensadores da escola de Frankfurt, a clareza filosófica, a ordem, a mística, a ciência e o conhecimento dos grandes mestres. A espoliação é resultado do pensamento invidioso da mente moderna iludida e obcecada com a modernização, o avanço científico, o materialismo e a industrialização que rouba do artista moderno a alma, o coração, a consciência de si mesmo, e do homem. É preciso considerar que a existência de qualquer coisa está sujeita a lei da estruturação, o que não é estruturado e não pertence a um contexto não pode ser considerado, objeto identificado. A piscina no jardim, não se torna obra de arte simplesmente porque se encontra em um palácio, a piscina é considerada objeto identificado porque o conhecemos como piscina, com a função de um tanque de água próprio para práticas esportivas ou de lazer.



Dessa forma, desmembrando do todo claro e consciente como devaneio do malabarismo teórico, que é de fato uma destruição de tudo que está estabelecido, ignorando, os milhões de momentos que o artista precisou para atingir o grau de evolução de conhecimento, como ressalta Burle Marx:

Fazer jardim é fazer arte. Quando trabalho um jardim, penso nas leis que orientam os problemas artísticos: contrastes, textura, relação entre volumes, harmonia e oposição de cores. Esta postura de autonomia do jardim como categoria de arte foi manifestada em diversas declarações, como esta para a Revista Projeto, em 1991



2.

Burle Marx na arquitetura paisagística palaciana





Os jardins, de maneira geral, sempre desenvolveram na imaginação humana um ambiente bucólico e de paz e exuberância. Talvez porque, o conhecimento ocidental de jardim seja o paraíso do Éden Cristão, com sua grande quantidade de fauna e flora que se desenvolviam sem cuidados, com os encantos da música, do riso e da alegria, mas o jardim real reúne conteúdos e saberes inerentes a um mito judaico-cristão, é necessário uma composição dos elementos que não dependa unicamente do fator natural ou de intervenção divina, nele a aquisição de conhecimento é algo a ser alimentado através da inserção das percepções culturais e artísticas de cada comunidade. Contudo, para que se chegasse ao ponto de formar espaços tão significativos, foi necessário uma evolução no modo de se fazer esses ambientes.



Sendo assim, é natural e de conhecimento público que os primeiros jardins provém da antiguidade, da Mesopotâmia, ao Egito, a Persa e Roma, na construção e na manutenção de seus jardins, mas com a chegada da Idade Média, com seus espaços muito apertados e confinamento entre muralha, essa arte minguou; somente anos depois no Renascimento com o homem tomando as rédeas da situação e com a melhora na vida coletiva que resultados extraordinários deram origem a vilas ornamentadas, grandes praças e belíssimos jardins. E através dessa reencarnação, que no Brasil a serviço dessa nova profissão que surgia em meados da década de 80 o artista plástico Roberto Burle Marx produziria suas primeiras grandes faixas paisagísticas. Até então, não existia um contingente enorme de veículos automotores e a cultura dos muros ainda não havia sido restaurada, não havia necessidade de espaços de lazer nas áreas internas das construções, embora já se conhecesse algumas coisas acerca de projetos de vegetação nos átrios de construções portuguesas colônias, contudo, os projetos de lazer nas áreas internas dos prédios de grandes metrópoles ainda não florescia.



Com o advento da modernidade e com ele a valorização do privado em detrimento do público, houve a necessidade de se projetar áreas de lazer para suprimir a crescente demanda por espaços bucólicos dentro das residências e em consonância o anseio por profissionais mais qualificados que o jardineiro para projetar esses espaços. Tornando assim, a distinção entre as duas profissões mais clara e coesa. Sendo um, responsável pela elaboração, planejamento e projeto, enquanto outro se ocupava da implantação e manutenção. Após esses preâmbulos fundamentais, começaremos a análise do Palácio dos Leões e de seu Jardim Histórico em si. Pois o palácio nem sempre foi a sede do governo, antes serviu de fortaleza militar e seu uso servia a essa função, com um amplo espaço interno livre para os soldados, que veio a sofrer com as modificações para uso residencial dos governantes em 1926. Dessa forma o Jardim constitui um dos mais antigos espaços livres do Brasil, como aponta a Professora Barbara Prado, quando diz que o espaço forma um mirante do qual se contempla a paisagem da baía de São Marcos a mais de quatro séculos, em consonância a história da fortaleza de São Luís.



Desde o início de sua primeira construção em 1626 como residência de governante, e após sofrer sucessivas adjunções e modificações, o edifício do Palácio dos Leões tornou-se descaracterizado e deteriorado ao longo dos anos, o que ocasionou a interdição da ala residencial. Após o projeto de recuperação e restauração, concluído em 2003, o prédio passou a ter as características atuais. A sua localização privilegiada, no alto do promontório onde nasceu a cidade de São Luís, aliada à sua trajetória histórica, à sua arquitetura e seus bens artísticos, fazem do Palácio um conjunto de fundamental importância para o entendimento da formação da identidade cultural do povo maranhense.

"O Palácio dos Leões passou por muitas reformas ao longo dos últimos 246 anos. Seu espaço livre foi transformado do uso militar para o deleite contemplativo e recreativo de seus ocupantes. Além de estar localizado num sítio histórico e ser parte integrante da edificação do Palácio dos Leões, o jardim é também um espaço livre precedente à própria cidade de São Luís. O jardim pode se constituir assim num dos mais antigos espaços livres do Brasil, uma vez que seu espaço forma um mirante (hoje ajardinado) do qual se contempla a paisagem da baía de São Marcos há mais de quatro séculos e porque sua história se mescla com a história da fortaleza, da cidade e do Palácio."(PRADO, Barbara I. Wasinski, 2007)



Principais Intervenções

1857

Teria recebido aléias de palmeiras, a exemplo do que vinha sendo praticado no Brasil, desde o Rio de Janeiro e São Paulo, quando houve o plantio das palmeiras-imperiais (*Roystonea oleracea*).

1901

Uma ordem do diretor da Intendência Municipal da Capital do Estado do Maranhão, publicada no “Diário do Norte”, Edital de nº 33 A, notícia o projeto de aformoseamento do “Largo de Palácio”, onde os edifícios mais importantes da cidade se localizavam, e de obras em outras praças e neste edital são indicados o projeto do engenheiro Palmerio de Carvalho Cantanhede e de seu substituto Anísio de Carvalho Palhano.



1906

O palácio foi ampliado, estendendo-se uma ala nos fundos dele, destinada à residência do governador, e a fachada do palácio trazia algumas alterações e um brasão heráldico em azulejo com leões pintados. No pátio, havia “um jardim zoológico de vida efêmera” (LIMA, 2002, p.63).

1968

Intervenção realizada por Roberto Burle Marx. O projeto de Roberto Burle Marx chegou com uma proposta paisagística modernista, que trazia consigo uma afirmação da modernidade, tal qual o discurso político daquela época no estado do Maranhão.



1973

Roberto Burle Marx foi chamado para concluir seu projeto original, que trazia modificações quanto à forma e ao conteúdo vegetal. Apresentava tanques e espelhos.

1993

O projeto de Acácio Gil Borsoi, de 1992, substituiu o de Roberto Burle Marx com adaptações para criar uma piscina onde houve um tanque para plantas aquáticas, perda de palmeiras-imperiais e de outras plantas e jardineiras, sem reposição de novos exemplares, retirada de plantas e canteiros para o estacionamento dos carros oficiais e realização de eventos sociais.



3.

Jardins do Palácio dos Leões





Percebe-se através das obras de Roberto Burle Marx a busca pelo desconhecido, fruto de uma curiosidade intrínseca ao artista, onde a natureza apresenta-se como pano de fundo, fazendo-se de tela para que ele esboce sobre ela sua arte. Fruto de anos de observação do desenvolvimento da flora natural brasileira e de muitas pesquisas a nível nacional e internacional. A necessidade artística une-se a uma necessidade ambiental voltada para a preservação do bem vegetal, muitas vezes endêmico de cada parte do país, onde o ato de revelar e trabalhar com tais espécies converge em um viés de cunho educacional, ratificando que a exuberância da flora nacional deve ser utilizada, apreciada, mas também preservada pelos seus conterrâneos.

Vista superior
ilustrando a
forma como foi
implantado o
projeto inicial de
RBM no palácio
dos leões.





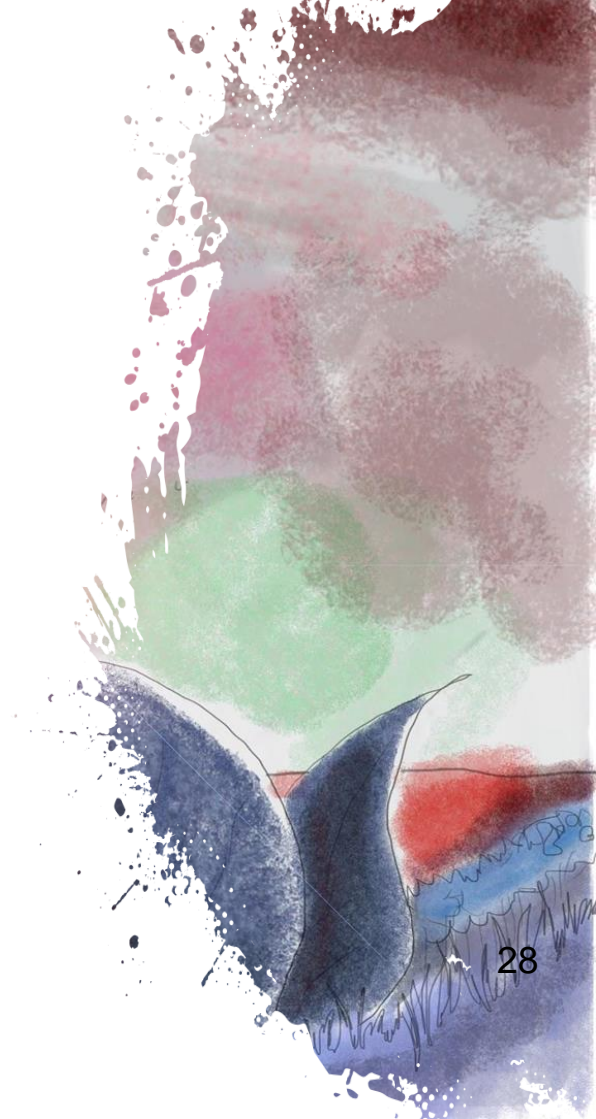
Nota-se em seus trabalhos uma longevidade, ou mesmo uma harmônica sobreposição da natureza sobre seus projetos, onde o uso da flora local caminha de modo coeso sem impactar-se negativamente, essa harmonia natural reflete-se em tons e texturas que não se perdem com o tempo, mas se renovam e dão oportunidade a novas interações no meio biótico. A busca por uma forma original, fugindo da matriz dos jardins clássicos também é evidente, afirmando uma posição ideológica do paisagista, na qual ele afirma que a beleza da natureza está em ser moldada pelo homem, mas não controlada milimetricamente de modo a atender modelos estéticos frutos de uma racionalidade dúbia. Apreende-se ainda que todo o trabalho de Burle Marx é embasado em uma ampla pesquisa não só da flora, mas também da biologia e arquitetura como um todo, onde os nichos de certas espécies de animais e as formas e apreensão do espaço, são parte de um trabalho interdisciplinar, focado na adequada criação de novas paisagens.



4.

Flora* do projeto de Roberto Burle Marx nos jardins dos leões

*Recorte





Canna Indica

Isabela M. V.
05.09.18

Nome científico: **Canna Indica**

Nome popular: Vermelha tropical

Características Formais	Condições Edafoclimáticas	Outras Informações
TIPO: Cana	SOL:  Pleno	TRANSMITÂNCIA:  Transmitância Luminosa Média
ALTURA:  50cm a 1m	SOLO:  Solo Úmido	NATIVA OU EXÓTICA?  Nativa
FOLHAGEM:  Folhagem Perene	MELHORES RESULTADOS EM: Climas tropicais úmidos, em zonas alagadas de pleno sol. Toleram moderadamente o frio	ORIGEM: Indefinida
FLORACÃO:  Julho a Novembro, Flores reprodutoras		OCORRÊNCIA: Sudeste, Nordeste e Norte
RAIZ:  Superficial		











Isabela Mari
05.09.11

Catharanthus
roseus

Nome científico:

Catharanthus Roseus

Nome popular: Vinca-de-madagascar










Características Formais	Condições Edafoclimáticas	Outras Informações
TIPO:  Semi - herbáceo	SOL:  Pleno	TRANSMITÂNCIA:  Transmitância Luminosa Alta
ALTURA:  30cm a 60cm	SOLO:  Solo Seco	NATIVA OU EXÓTICA?  Exótica
FOLHAGEM:  Folhagem Perene	MELHORES RESULTADOS EM: Solos secos, arenosos, de difícil drenagem. Em regiões de pleno sol durante todo o ano.	ORIGEM: Madagascar
FLORAÇÃO:  Durante todo o ano Flores ornamentais		OCORRÊNCIA: Sudeste
RAIZ:  Superficial		



*Hemigraphis
colorata*

Nome científico: **Hemigraphis Colorata**

Nome popular: Hera-roxa

Características Formais	Condições Edafoclimáticas	Outras Informações
TIPO:  Herbácea	SOL:  Meia Sombra	TRANSMITÂNCIA:  Transmitância Luminosa Alta
ALTURA:  10cm a 30cm	SOLO:  Solo Úmido	NATIVA OU EXÓTICA?  Exótica
FOLHAGEM:  Folhagem Perene	MELHORES RESULTADOS EM: Climas oceanicos, tropicais e subtropicais. Solo fértil, drenável, enriquecido com matéria orgânica. Não tolera o frio intenso.	ORIGEM: Ásia, Indonésia, India e Malásia
FLORAÇÃO:  Primavera e Verão Flores ornamentais secundárias		OCORRÊNCIA: Todo o Brasil
RAIZ:  Superficial		







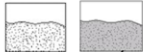


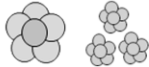

FLORA

Es.
flor. s. c.

Lantana camara l.

Nome científico: **Lantana camara L.**

Nome popular: Aloha amarela

Características Formais	Condições Edafoclimáticas	Outras Informações
<p>TIPO:  Herbácea</p>	<p>SOL:  Pleno</p>	<p>TRANSMITÂNCIA:  Transmitância Luminosa Média</p>
<p>ALTURA:  30cm a 2m</p>	<p>SOLO:  Solo Seco ou Úmido</p>	<p>NATIVA OU EXÓTICA?  Nativa</p>
<p>FOLHAGEM:  Folhagem Perene</p>	<p>MELHORES RESULTADOS EM: Solos drenados, substrato fértil, Regiões de clima Equatorial, Subtropical e tropical. Tolerante ao frio e a seca</p>	<p>ORIGEM: América do Sul</p>
<p>FLORAÇÃO:  Do outono ao verão, flores ornamentais reprodutoras</p>		<p>OCORRÊNCIA: América Central e do Sul</p>
<p>RAIZ:  Superficial</p>		



Nelumbo nuciferum g.

Nome científico: **Nelumbo Nuciferum G.**

Nome popular: Flor de lótus









Características Formais	Condições Edafoclimáticas	Outras Informações
TIPO:  Herbácea	SOL:  Pleno	TRANSMITÂNCIA:  Transmitância Luminosa Alta
ALTURA:  0,9 a 1,5m	SOLO:  Aquático	NATIVA OU EXÓTICA?  Exótica
FOLHAGEM:  Folhagem Perene	MELHORES RESULTADOS EM: Em climas oceânicos, Subtropicais e tropicais úmidos,	ORIGEM: Ásia
FLORAÇÃO:  Primavera Flores Ornamentais		OCORRÊNCIA: Sul e Sudeste
RAIZ:  Profunda		



Nelumbo nuciferum g.

Nome científico: **Nelumbo Nuciferum G.**

Nome popular: Flor de lótus

Características Formais	Condições Edafoclimáticas	Outras Informações
TIPO:  Herbácea	SOL:  Pleno	TRANSMITÂNCIA:  Transmitância Luminosa Alta
ALTURA:  0,9 a 1,5m	SOLO:  Aquático	NATIVA OU EXÓTICA?  Exótica
FOLHAGEM:  Folhagem Perene	MELHORES RESULTADOS EM: Em climas oceânicos, Subtropicais e tropicais úmidos,	ORIGEM: Ásia
FLORAÇÃO:  Primavera Flores Ornamentais		OCORRÊNCIA: Sul e Sudeste
RAIZ:  Profunda		












Verbena erinoides

Nome científico:

Verbena Erinoides

Nome popular: Verbena

Características Formais	Condições Edafoclimáticas	Outras Informações
TIPO:  Herbácea	SOL:  Pleno	TRANSMITÂNCIA:  Transmitância Luminosa Alta
ALTURA:  15cm a 30cm	SOLO:  Solo Úmido	NATIVA OU EXÓTICA?  Nativa
FOLHAGEM:  Folhagem Perene	MELHORES RESULTADOS EM: Solos drenados. Substrato fértil. Regiões de clima Equatorial, Tropical, Tropical úmido. Tolera frio intenso	ORIGEM: Brasil
FLORAÇÃO:  Da Primavera ao Outono Flores ornamentais		OCORRÊNCIA: Todo o Brasil
RAIZ:  Superficial		

Recorte de Vegetação utilizada no projeto do Jardim do
Palácio dos Leões em Escala

Altura em metros

0,15 m



*Tradescantia
Pallida*

0,20 m



*Hemigraphis
Colorata*

0,30 m



*Verbena
erinoides*

0,80 m



*Catharanthus
roseus*

1,0 m



Canna Indica

1,3 m



*Lantana
Camara*

1,5 m



*Nelumbo
Nuciferum G.*

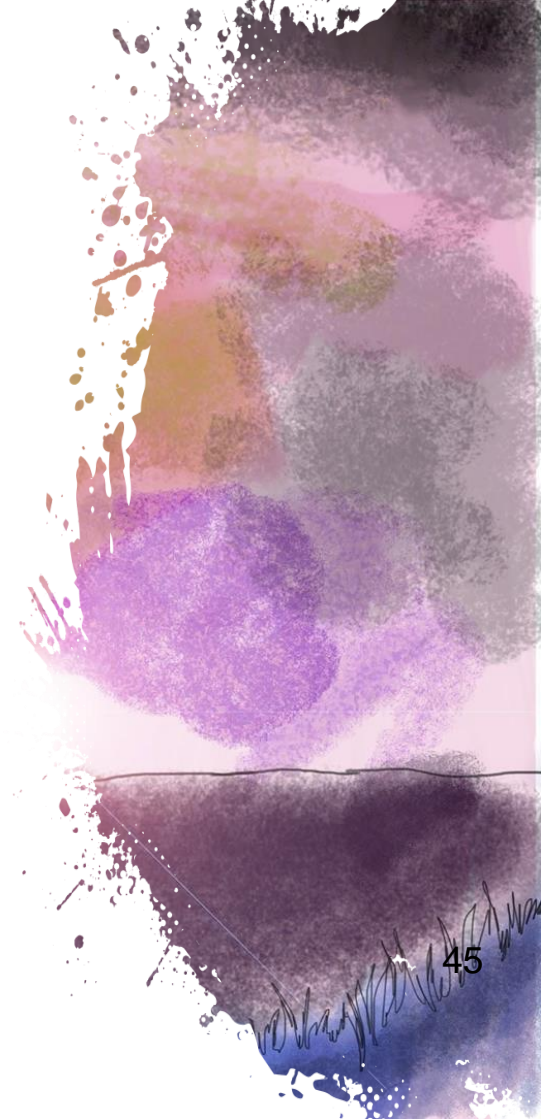
Nomes



5.

Recriação dos jardins de RBM no palácio dos Leões

RBM - Roberto Burle Marx





A paisagem é um cenário de muitas discursões, por vezes, apropriado de maneira indevida pela sua característica tênue. Assim, conforme foram surgindo sorrateiramente os primeiros projetos aventureiros na pratica de dar forma ao ambiente, que fora aumentando a proporção de importância conferida a essa futura profissão, que até então, contava com um contingente de pessoas bastante limitado as áreas das artes. É nesse ambiente de apoderamento e descoberta que o brasileiro Roberto Burle Marx seria o primeiro a colocar em pratica técnicas inspirando-se em espécies nativas resilientes para compor vazios horizontais e verticais, colecionando inúmeros títulos que os descreveriam como extravagante e genial. Sendo assim, suas obras entrariam para um seleto grupo de artistas que decodificaram espaços livres e aprimoraram seus aspectos naturais. Consoante a isso o conceito de Jardim Histórico moldado em 1981 refere-se a um conjunto de obras humanas historicamente nascidas da manipulação de elementos naturais e artificiais para fins estéticos utilitários, econômicos e científicos que consideram os monumentos históricos uma unidade de valores comuns, digno de preservação.



Portanto, o conjunto brasileiro composto por 10 artigos, que tratam da historiografia de questões ligadas a preservação e o reconhecimento de uma obra artística histórica como representante de um movimento internacional, que o jardim do palácio dos leões, obra do artista plástico Roberto Burle Marx, autor moderno internacionalmente reconhecido, está inserido em nas construções que testemunham uma evolução significativa e um acontecimento histórico, e com isso constitui atualmente um jardim histórico. Por fim, as intervenções que não respeitaram as normas de jardins históricos e dessa forma danificaram um patrimônio humano descaracterizaram o projeto original e o deslocaram de seu princípio fundamental, documentar os quadros de sua própria cultura e tradição. Junto a isso fez-se necessário estudo in loco sobre o paisagismo em questão e sua metodologia, na tentativa de recuperar a ambiência a muito transfigurada de suas intenções originais.

6.

Proposta de restauro dos jardins de RBM no palácio dos Leões

RBM - Roberto Burle Marx



Submetido a décadas de alterações significativas o Jardim do Palácio dos Leões de Burlle Marx, uma obra atemporal e de valor incalculável, sofreu a descaracterização como consequência da desvalorização junto ao jardim histórico. Em consequência do conhecimento dessas modificações e com as espécies coletadas a partir do levantamento cadastral que a etapa de restauração teve ponto de partida, contando com as diretrizes do projeto original fornecido para fins de pesquisa, e em conformidade com as modificações temporais das últimas décadas.

O replantio gradativo de espécies indicadas no projeto inicial apresentou-se como primeira alternativa relevante, no entanto, estudos e pesquisas de cunho investigativo mostraram-se necessárias frente as mudanças nos micro-climas do entorno, comprovadas por revisão de material bibliográfico.



Concluiu-se que a Canna Indica (Vermelho Tropical) ainda nos tempos hodiernos é uma herbácea com um ótimo valor estético, sendo possível sua utilização no jardim do palácio, uma vez que suas características não inviabilizam a função que desempenha, não demonstra potencial de risco a saúde, ou quaisquer outros fatores preponderantes, para seus usuários. Já a Catharanthus Roseus , por mais que suas pétalas possuam uma coloração apreciada por um grupo de pessoas, devido a sua característica endêmica, a semi-herbácea proveniente de Madagascar possui em sua ficha florística a predileção por solos secos que a esmaece, tendo em vista o grau de umidade de São Luís e em especial da região do palácio dos Leões.



Por conseguinte, a Hemigraphis é uma planta compacta, de crescimento rápido e adequado para áreas de sombra com alguma umidade, o que a torna ideal para preencher espaços vazios sob plantas mais altas, destacando-se pelo colorido contrastante de sua cor roxo-prateado com o verde do jardim. O único empecilho talvez para sua utilização seria a intolerância a pisoteios, contudo uma vez que o jardim está delimitado em um espaço de acesso restrito, o fluxo de pessoas é por vezes inferior, dessa maneira não se constitui um problema, permitindo que a planta possa ser reutilizada sem maiores problemas. Em se tratando da Lantana Camara l., sua utilização é irregular por se tratar de uma herbácea tóxica, embora suas demais características permitam ótimos resultados.



Por outro lado, a Tradescantia Pallida, uma herbacea exotica nativa do Mexico a Tradescantia pallida possui otimas caracteristicas que a selecionaram para permacer no jardim, tais quais sua coloração e caracteristicas de solo e clima. Uma vez que para o bom desenvolvimento da planta, ela deve receber a luz do sol direta a beleza sera impar no territorio de sol pleno como é o de São Luís. A Verbena como costuma ser chamada popularmente é uma herbacea de altura variante entre os 15-30 cm que em consoancia como solo e sol da região permite-se a sua reutilização no terreno do Palacio dos Leões, sem quaisquer contra pontos.



Com o intento de esclarecer algumas das forma de preservação adotadas a nível mundial e com interesse futuro do livro para embasar as opções adotadas para o jardim histórico que abaixo estarão listadas as formas de defesa desse patrimônio, retirados do texto “Discutindo a descaracterização do patrimônio em São Luís” de autoria da professora doutora Barbara Irene Wasinski Padro, que por sua vez remonta a Carta de Lisboa(1995).



RENOVAÇÃO URBANA

“Demolição das estruturas morfológicas e tipológicas existentes numa área urbana degradada e a sua conseqüente substituição por um novo padrão urbano, com novas edificações (constituídas seguindo tipologias arquitetônicas contemporâneas), atribuindo uma nova estrutura funcional a essa área”.

REABILITAÇÃO URBANA

“Estratégia de gestão urbana que procura requalificar a cidade existente através de intervenções múltiplas destinadas a valorizar as potencialidades sociais, econômicas e funcionais a fim de melhorar a qualidade de vida das populações residentes; isso exige o melhoramento das condições físicas do parque construído pela sua reabilitação e instalação de Equipamentos, infraestruturas, espaços públicos, mantendo a identidade e as características da área da cidade a que dizem respeito”.



REVITALIZAÇÃO URBANA

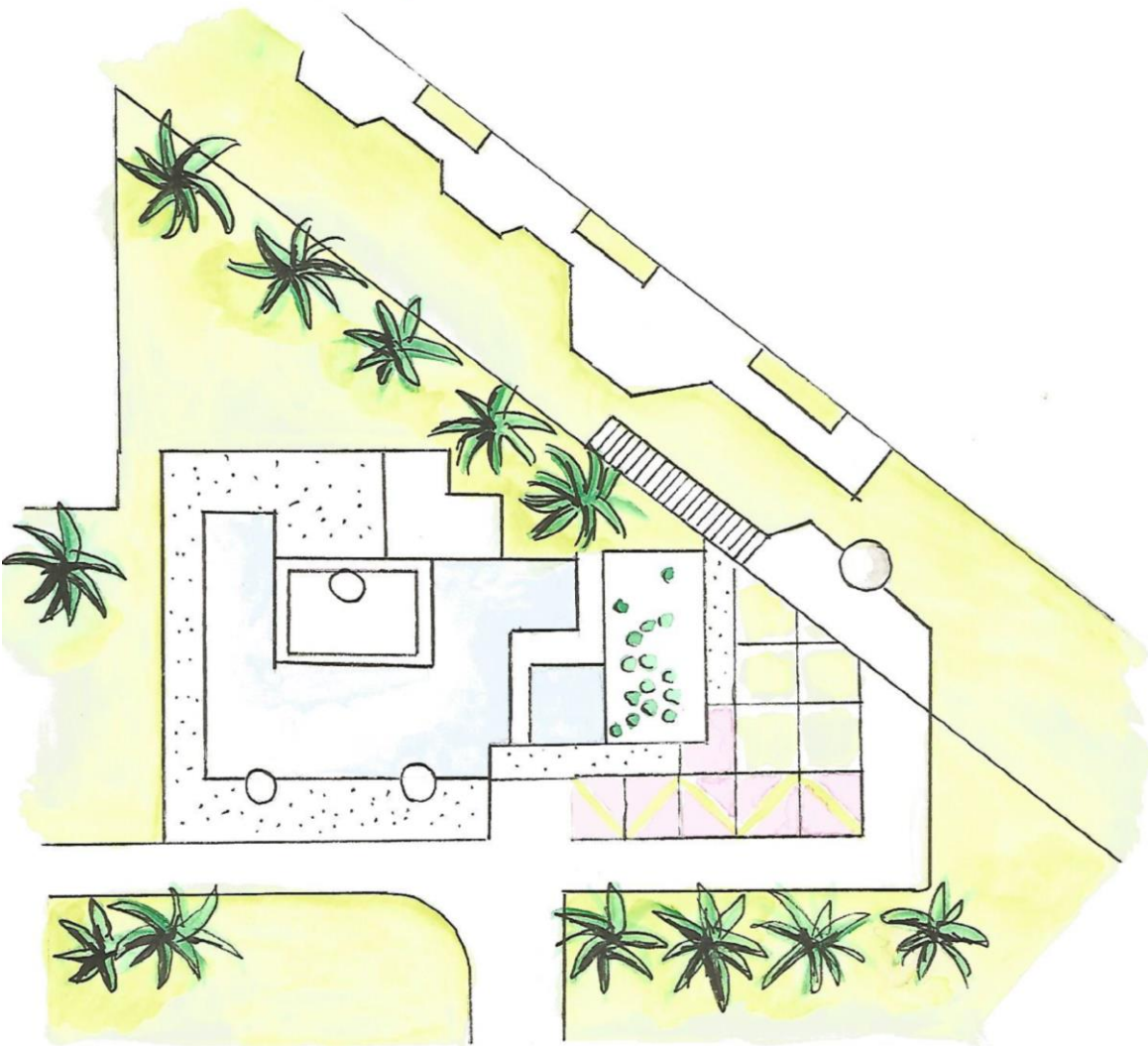
“Engloba operações destinadas a relançar a vida econômica e social de uma parte da cidade em decadência. Esta noção, próxima da reabilitação urbana, aplica-se a todas as zonas da cidade sem ou com identidade e características marcadas”.

REQUALIFICAÇÃO URBANA

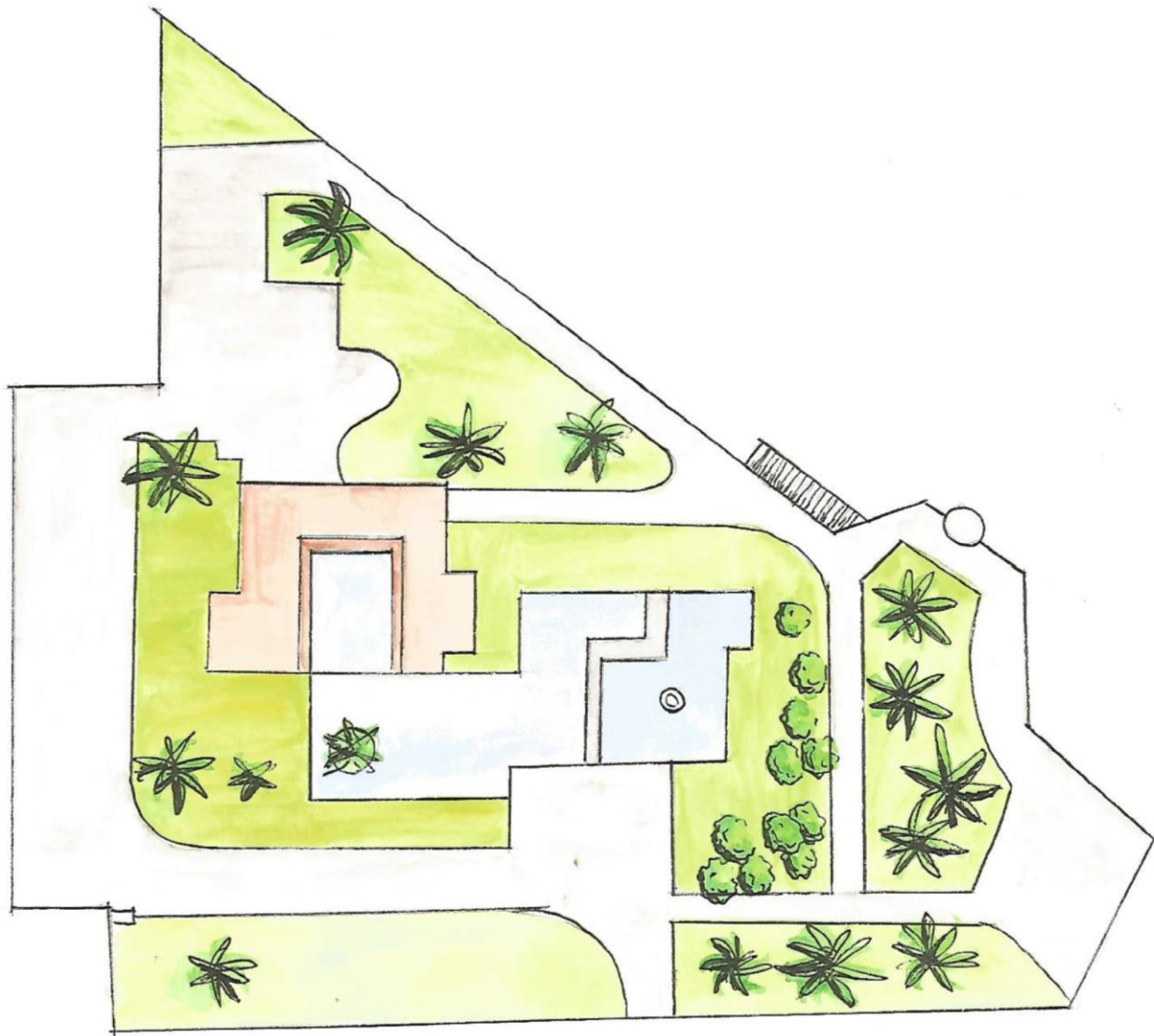
“Aplica-se, sobretudo a locais funcionais diferentes da habitação; trata-se de operações destinadas a tornar a dar uma atividade adaptada a esse local e no contexto atual”.

O jardim histórico contou com a visão paisagística da década de 80, dessa época em diante 30 anos se passaram e com eles novas perspectivas de paisagismo surgiram em consonância a normas de acessibilidade e dados cadastrais que durante o projeto original eram desconhecidos, tais quais, a toxicidade de algumas dessas plantas. Portanto, foi afim de recriar o sentimento moderno do jardim, com os devidos cuidados técnicos de projeto e permitindo uma conversa com o jardim original de Burle Marx, que os componentes foram realocados ou retirados para permitir que a premissa máxima fosse essa.

A opção pela restauração como intervenção no jardim histórico se deu em ação da recuperação e reinteração das partes ou mesmo todos os elementos de um bem cultural, envolvendo todas as formas de intervenção física em bens culturais que visem a garantia da unidade e permanência no tempo dos valores que caracterizam os conjuntos.



Aquarela
ilustrando a
forma como foi
implantado o
projeto inicial de
RBM no palácio
dos leões.



Aquarela
ilustrando como
ficou o jardim
após reforma do
projeto inicial de
RBM no palácio
dos leões.

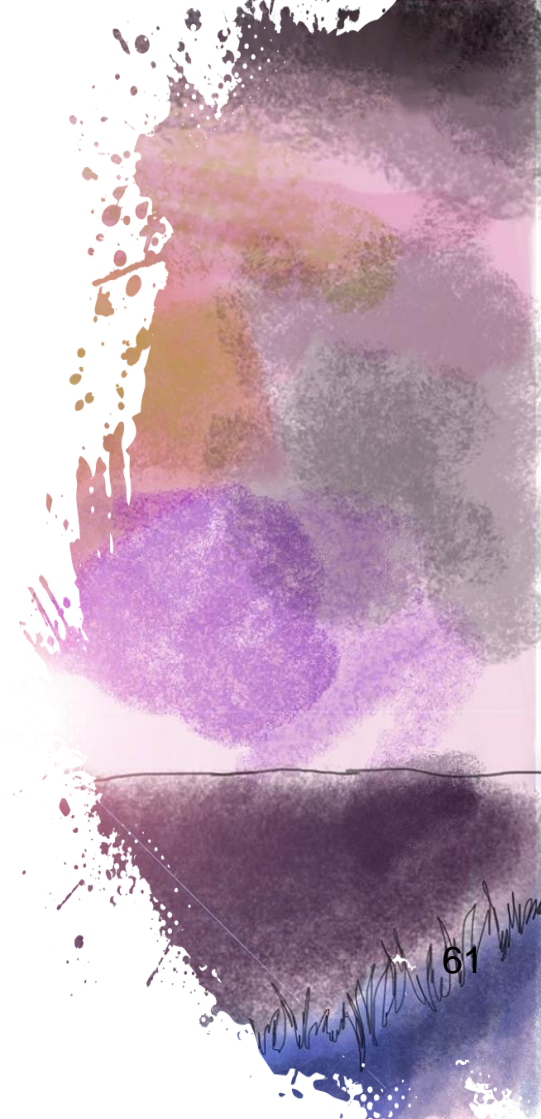


Aquarela
ilustrando a
forma como
ficaria o projeto
do jardim de
RBM no palácio
dos leões, após
ações de
restauração.



7.

Conclusão





Percebe-se através das obras de Roberto Burle Marx a busca pelo desconhecido, fruto de uma curiosidade intrínseca ao artista, onde a natureza apresenta-se como pano de fundo, fazendo-se de tela para que ele esboce sobre ela sua arte. Fruto de anos de observação do desenvolvimento da flora natural brasileira e de muitas pesquisas a nível nacional e internacional. A necessidade artística une-se a uma necessidade ambiental voltada para a preservação do bem vegetal, muitas vezes endêmico de cada parte do país, onde o ato de revelar e trabalhar com tais espécies converge em um viés de cunho educacional, ratificando que a exuberância da flora nacional deve ser utilizada, apreciada, mas também preservada pelos seus conterrâneos.



Nota-se em seus trabalhos uma longevidade, ou mesmo uma harmônica sobreposição da natureza sobre seus projetos, onde o uso da flora local caminha de modo coeso sem impactar-se negativamente, essa harmonia natural reflete-se em tons e texturas que não se perdem com o tempo, mas se renovam e dão oportunidade a novas interações no meio biótico. A busca por uma forma original, fugindo da matriz dos jardins clássicos também é evidente, afirmando uma posição ideológica do paisagista, na qual ele afirma que a beleza da natureza está em ser moldada pelo homem, mas não controlada milimetricamente de modo a atender modelos estéticos frutos de uma racionalidade dúbia. Apreende-se ainda que todo o trabalho de Burle Marx é embasado em uma ampla pesquisa não só da flora, mas também da biologia e arquitetura como um todo, onde os nichos de certas espécies de animais e as formas e apreensão do espaço, são parte de um trabalho interdisciplinar, focado na adequada criação de novas paisagens.



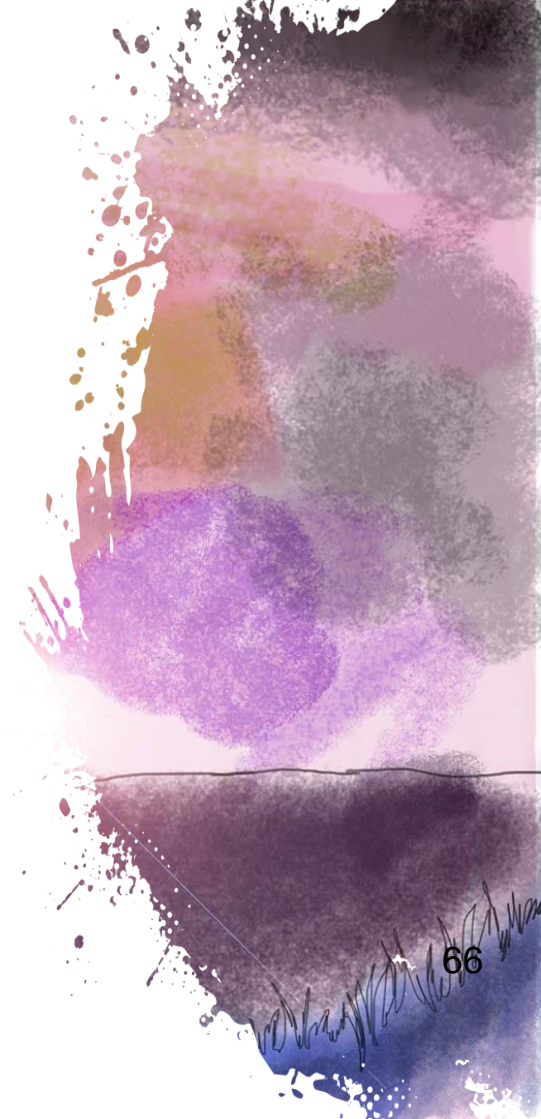
Embora os conhecimentos acerca de Jardins históricos tenha crescido significativamente desde a Carta de Florença em 1981, ainda existe a necessidade de compreender as ferramentas de preservação de um Jardim Histórico para que sua manutenção ocorra da maneira devida. Nesse sentido que o Jardim de Roberto Burle Marx em São Luís situado no Palácio do Governo, que dispôs, de uma trajetória histórica que o configurava como marco da cultura e dos costumes de uma sociedade, foi sentenciado a alterações de cunho pessoal e amargamente descaracterizado pelo próprio poder público. Dessa maneira, o projeto exuberante desenvolvido aos cuidados da época pelo artista plástico, por pouco não fora perdido. Assim sendo, o poder público não contou mais com o projeto original e tão pouco preocupou-se em manter uma cópia deixando o tempo e as alterações anacrônicas descaracterizarem a obra, recentemente, apenas com a aquisição do projeto original junto ao escritório do artista no Rio de Janeiro que houvesse a possibilidade de quantificar as alteração estabelecidas desde 1973 e avaliar a viabilidade de uma restauração presente.



Mesmo assim, resta ainda perguntar qual a responsabilidade do poder público em permitir a manutenção desse jardim, se em vez de convergir ao público de maneira educacional, sancionando a exuberância da flora nativa, eles ainda o confinam para gozo pessoal

8.

Referências Bibliográficas



Referências

- × CARNEIRO, Ana Rita Sá; SILVA, Joelmir Marques da; SILVA, Aline de Figueiredo. (Org.) . *Jardins de Burle Marx no Nordeste do Brasil*. Pernambuco: Editora UFPE. 2013.
- × TABACOW, José. (Org.) . *Roberto Burle Marx: Arte e Paisagem*. São Paulo. Studio Nobel. 1987.
- × SEGAWA, Hugo. *Ao amor do público: Jardins do Brasil*. São Paulo. Studio Nobel. 1996.
- × FROTA, L.C. *Burle Marx: Paisagismo no Brasil*. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro (Brasiliana de Frankfurt), 1994. 127p.



Referências

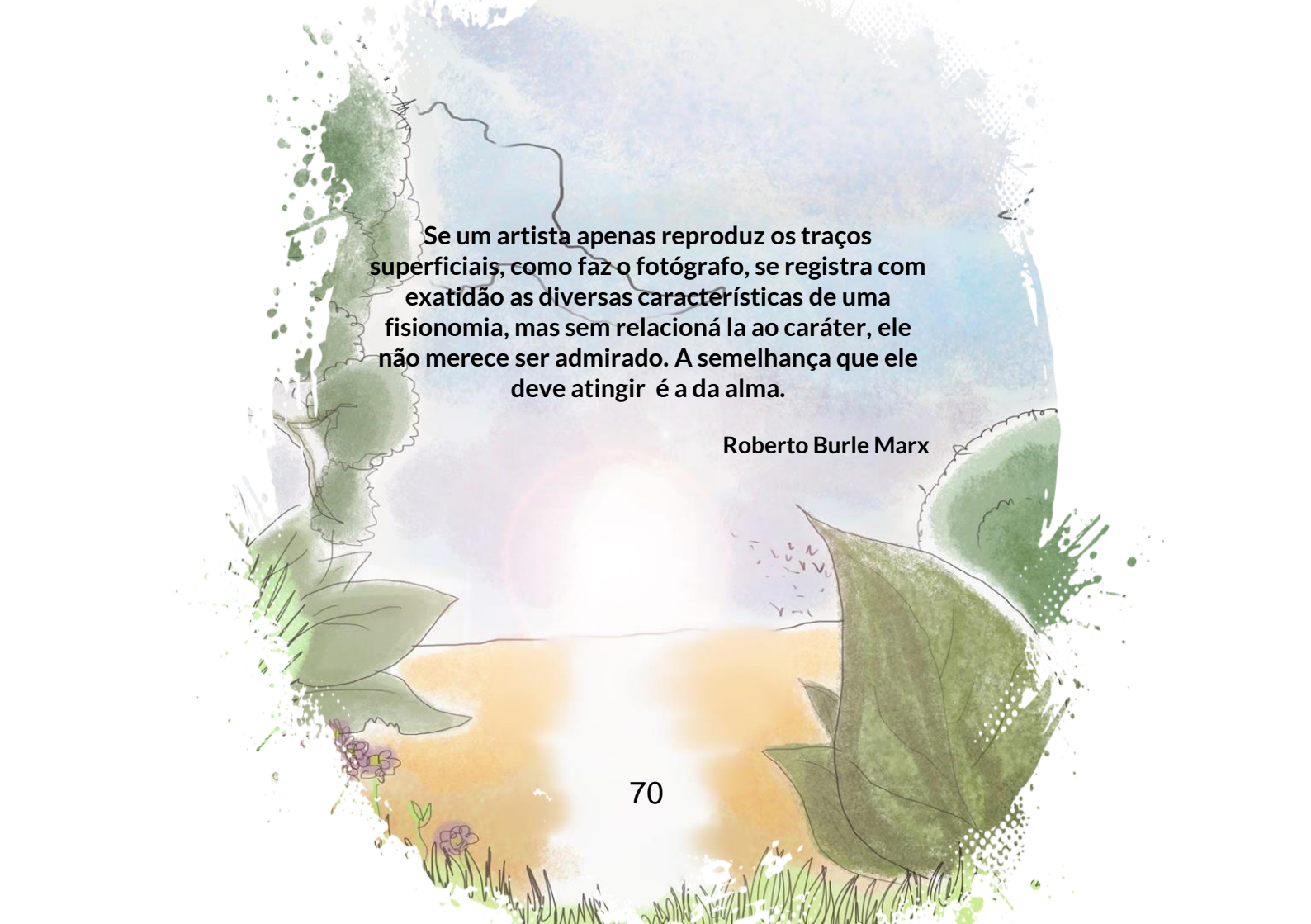
- × DEMATTÊ, M.E.S.P. Princípios de paisagismo, 2 ed. Jaboticabal: UNESP-FUNEP, 1999. 101p.
- × BORSOI, Acácio Gil (2006). Arquitetura como manifesto. Gráfica Santa Marta, Recife.
- × BURLE MARX, Roberto; TABACOW, José (2004). Arte e Paisagem: conferências escolhidas. Studio Nobel, São Paulo.
- × PRADO, Barbara I. Wasinski (2007). Charles Thays na formação urbana de São Luís: a ilheidade de São Luís a partir da Praça Pedro II. Paisagem e Ambiente. 24: 69- 80



Referências

- × FLORIANO, César. Roberto Burle Marx: Jardins do Brasil, a sua mais pura tradução. Departamento de Arquitetura Universidade Federal de Santa Catarina in Revista Esboços Nº 15 – UFSC, 2007.
- × MARANHÃO, Secretaria da Cultura do (1987). Departamento do Patrimônio Histórico, Artístico e Paisagístico. Bens tombados no Maranhão: tombamentos Estaduais. Secretaria de Cultura, São Luís
- × BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar: 1998, p. 19-20
- × MACHADO, CARLOS. *Um capítulo da história da modernidade: 1998*



A watercolor illustration of a landscape. In the center, a bright sun with a soft glow is visible. The sky is a mix of light blue and purple. On the left, there are green trees and bushes. In the foreground, there are large green leaves and small purple flowers. The overall style is soft and artistic, with visible brushstrokes and splatters.

Se um artista apenas reproduz os traços superficiais, como faz o fotógrafo, se registra com exatidão as diversas características de uma fisionomia, mas sem relacioná-la ao caráter, ele não merece ser admirado. A semelhança que ele deve atingir é a da alma.

Roberto Burle Marx



71

